

“Política pra quê?": Entre aulas de Sociologia, espaços escolares e vozes juvenis

Raquel de Abreu

Bacharel e licenciada em Ciências Sociais; Mestre em Educação, História e Política; Doutora em Sociologia e História da Educação. Professora de Sociologia e Sociologia da Educação do Instituto Estadual de Educação; SED; Florianópolis, SC. E-mail: raqueldeabreu@gmail.com

*“Que entendemos por política? É extraordinariamente amplo o conceito e abrange toda espécie de atividade diretiva autônoma”
(Max Weber in Ciência e Política: Duas vocações, 2001, p.59).*

“De Benjamin Constant Botelho de Magalhães, honrado por muitos com o título de Fundador de nossa República, sabe-se que nunca votou, senão no último ano da Monarquia” (Sérgio Buarque de Holanda in Raízes do Brasil, 1995, p.182).

No cerne dos debates do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – PNEM - este pequeno artigo busca articular as argumentações e propostas inscritas no *Caderno 2 do Curso de Formação de Professores do Ensino Médio*, “O jovem como sujeito do Ensino Médio”, aos conteúdos e práticas vivenciadas entre alunos e professora nas aulas de Sociologia do 3º ano do Ensino Médio. Busco nas citações que abrem essas escritas, um norte para esta breve análise entre a circularidade coerente que permeia a ideia da emergência dos jovens como “agentes” de fato e de direito do Ensino Médio e não como simples “sujeitos” de um processo educacional fragilizado numa nação que se quer moderna e inserida entre as nações mais progressistas do mundo ocidental e civilizado.

A Sociologia Política e seus diálogos (im)pertinentes

Aquela manhã de agosto de 2014, uma terça-feira de inverno no Brasil meridional, parecia estar “na ordem das coisas” no Instituto Estadual de Educação - estabelecimento escolar centenário, público, o maior da América Latina, localizado no centro urbano da região insular da capital catarinense. As aulas ocorrem, quase que invariavelmente, entre elementos conhecidos de estudantes e professores desde o século XIX: paredes claras da sala de aula, quadro negro com seu inseparável giz, carteiras e cadeiras escolares. Porém,

naquela manhã receberíamos a visita da equipe de jornalistas da *Revista Its*¹ e tudo indicava que a aula de Sociologia seria “mais dinâmica” para turma 302, cujo grupo juvenil – assim como toda a escola - caracteriza-se pela diversidade étnica, econômica, social e cultural. São os tais traços que marcam o caldeamento brasílico analisados pelo mestre da Antropologia brasileira, Darcy Ribeiro.

Nas semanas anteriores nossas aulas de Sociologia foram permeadas por leituras e diálogos em torno de textos sobre Cultura Brasileira, Democracia e Política. Entre os autores, cientistas sociais, os estudantes do 3º ano do Ensino Médio foram apresentados a Roberto DaMatta, intelectual brasileiro que analisa a questão da identidade nacional de forma complexa e minuciosa, sob a ótica do caráter nacional multifacetado, cujas maneiras de ser, sentir, pensar e agir podem ser resumidas como “o dilema brasileiro”. Para DaMatta, o Brasil que percebemos pode ser encontrado em toda parte:

Nas leis e nas nobres artes da política e da economia, das quais temos que falar sempre num idioma oficial e dobrando a língua; mas também na comida que comemos, na roupa que vestimos, na casa onde moramos e na mulher que amamos e adoramos. Para essa perspectiva, o Brasil deve ser procurado nos rituais nobres dos palácios de justiça, dos fóruns, das câmaras e das pretorias [...]. (DAMATTA, 2000, p.13).

Sob esse aspecto, ao lecionar para turmas regulares do Ensino Médio público catarinense, eu acrescentaria às escritas de DaMatta mais uma instituição reconhecida por toda a sociedade e onde o Brasil pode ser procurado e encontrado: a Escola. É na escola que crianças e jovens podem perceber nossas normas, regras e leis. É ali que se aprende a escrever nosso idioma de maneira formal e onde observamos práticas das nobres artes das políticas e negociações numa esfera minimizada, porém tão importante quanto às esferas dos palácios, câmaras e pretorias.

O sociólogo italiano Norberto Bobbio também foi apresentado aos estudantes. Do cientista, um texto foi objeto de discussão e exercício em sala de aula, *O cidadão não-educado*, título provocativo, rico para os debates políticos que permeavam aqueles dias pré-eleitorais. Nas escritas, Bobbio aponta que

¹ A *Revista Its* é uma publicação (*on line* e impressa) mensal do Grupo RIC-Record, que busca divulgar as experiências e atividades da Educação Básica, mais especificamente do Ensino Médio nos estabelecimentos de ensino de Santa Catarina.

numa democracia a participação do cidadão é de real valor pedagógico. Assim, só aprendemos a viver numa democracia participando de todas as modalidades possíveis que o processo democrático nos oferece. Para Bobbio, a democracia se funda num complexo de regras e normas. Pela impossibilidade de instauração de democracias diretas nas sociedades contemporâneas, que são complexas e diversificadas, resta-nos então os processos da representatividade como forma de governo mais próxima da justiça social.

Se o direito ao voto é uma conquista legítima e a democracia brasileira dos nossos dias resultou de um longo processo de lutas e com perdas irreparáveis, por que nossos jovens demonstram tanta apatia diante de um processo eleitoral? Naqueles dias de agosto as emissoras de rádio e televisão já exibiam há um mês, em suas pautas de programação, a propaganda eleitoral obrigatória. Tudo indicava que o ritual das eleições para presidente, governador, senador e deputados não entusiasmava meus jovens alunos, como também a juventude brasileira de forma geral. Diria mais: ao que parece, o processo eleitoral, nos últimos anos, não entusiasma a juventude de outras nações, quer periféricas ou hegemônicas. É difícil, para um adulto brasileiro, no meu caso também uma professora de Sociologia, que viveu sua infância e adolescência sob a égide de uma ditadura, compreender as razões dessa falta de entusiasmo em relação ao ritual democrático que culminaria com as eleições de outubro, portanto dali a dois meses. Para elucidar essa e outras questões relacionadas ao que pensa a juventude em relação à política, democracia e eleições, nada melhor que ouvir a própria juventude sobre seus olhares, perspectivas e opiniões.

Lugares, espaços e vozes juvenis

Para ouvir os jovens precisaríamos de um espaço especial, já que discutiríamos, especialmente, a política e numa nação democrática, precisávamos de um “espaço aberto” não limitado pelas quatro paredes da sala de aula de quase todos os dias. Que tal uma *ágora* pós moderna? Haveria na escola um espaço diferente, quem sabe um pátio silencioso e arborizado num lugar com mais de 3 mil alunos, uma centena de professores e outra de servidores, que transitam no IEE no turno matutino? A partir da indagação que

aproxima palavras supostamente sinônimas, “lugar” e “espaço”, busquei a reflexão de Antonio Viñao Frago uma possível resposta:

Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação. Resulta disso que a educação possui uma dimensão espacial e que, também, o espaço seja, junto com o tempo, um elemento básico, constitutivo, da atividade educativa. A ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar. O “salto qualitativo” que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói (VIÑAO FRAGO, 1998, p.61).

Ocupamos, então, a “Praça dos Namorados”, um lugar da escola ao ar livre, silencioso à sombra de uma árvore. Dessa forma, com os alunos e professora dispostos num grande círculo, a intencionalidade foi voltada à circularidade das ideias. Num salto qualitativo, transformamos um espaço de lazer e de diálogos privados, num lugar do ensinar e aprender e das vozes públicas. Um exercício das nobres artes da política.



Figura 1. Turma 302 do Instituto Estadual de Educação, 2014.

A aula partiu das leituras e conceitos conhecidos anteriormente e começamos a ouvir as “vozes juvenis”, suas inquietações e possíveis (des)motivações em relação ao pleito eleitoral que se aproximava. O “voto obrigatório”, “direitos e deveres” e “autoritarismo” numa democracia passaram a ser questões iniciais e logo os alunos passaram a se posicionar. Aqui, darei destaque às colocações de três alunos da turma 302: Larissa Miranda, Ícaro Vinícius de Maria e Vanessa Yumi. São vozes chamaram minha atenção e foram

destacadas na reportagem da equipe de jornalistas e fotógrafos que nos acompanhava naquela aula.



Figura 2. Larissa Miranda.



Figura 3. Ícaro de Maria e Bárbara.

Larissa, uma das alunas mais participantes do debate, desde as primeiras aulas de Sociologia demonstrava muito interesse pelos conteúdos programáticos. Naquela aula de agosto não foi diferente: se posicionou ativamente, sempre interferindo e pedindo a palavra sobre os diversos itens da discussão. Uma de suas colocações está relacionada à escolha da profissão e projetos acadêmicos: “Adoro essas aulas, vou fazer Ciências Sociais, isso faz parte de mim.”

Já Ícaro de Maria, aluno notadamente reservado no espaço da sala de aula, passou a se posicionar quando o tema levantado foi a falta de líderes nacionais que os jovens pudessem perceber como paradigma para suas vidas. Ícaro citou a história do Ministro do Superior Tribunal Federal, o juiz Joaquim Barbosa, que mesmo diante da adversidade social e histórica em que se insere a população negra brasileira, alcançou o mais alto posto da justiça do país. Palavras de Ícaro: “Admiro a história dele, era estudante de escola pública, de origem humilde. Isto serve de exemplo pra mim, tanto nos estudos, como na vida”.



Figura 4. Vanessa Yumi, Jakeliny Barbosa e Gabriela Rosa.

A aluna Vanessa Yumi é filha de brasileiros nisseis e nascida no Japão. Ela chamou a atenção para o papel da grande mídia, que contribui para o desinteresse dos jovens em relação à política, já que os destaques nos noticiários destacam cotidianamente as práticas de corrupção da classe política, como se essa fosse a “regra” entre os políticos fazendo com que a população, de forma geral, considere a atividade política como “desleal ou desprezível”. Vanessa, revelando sua socialização primária e seus valores culturais, acrescenta: “Muitas vezes apenas repetimos o pensamento de nossos pais.”

Outros alunos apontaram para a necessidade de mais informações sobre o tema *Política e Democracia* e mais aulas sobre o assunto nas escolas em todos os anos da vida escolar, pois é direito do estudante, criança ou adolescente, conhecer conceitos e perspectivas teóricas sobre o tema para poder elaborar suas próprias reflexões. Isso vem ao encontro do que preconiza o *Caderno 2-O jovem como sujeito do Ensino Médio*, p. 19:

Uma das mais importantes tarefas das instituições educativas hoje está em contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos não mais impostos como herança familiares ou institucionais.

Numa aula interessante e produtiva, que aproximou alunos e professora, ficou a indicação de que, quando a escola proporciona condições, como as de tempo, lugar e espaço, toda aula pode tornar-se interessante, produtiva e despertar interesses diversos entre os estudantes. Interesses que, na maior parte das vezes, não são evidenciados no espaço tradicional de aprendizagem, que é a sala de aula. Dessa forma, na tentativa de, quem sabe, começar a responder a questão inicial “Política pra que?”, na experiência aqui relatada, deveria ficar evidenciada a reflexão:

Em um espaço dominado pela necessidade de ordem implacável e pelo ponto de vista fixo, ou em um espaço que, tendo em conta o aleatório e o ponto de vista fixo, ou em um espaço que, tendo em conta o aleatório e o ponto de vista móvel, seja antes possibilidade que limite (VINÃO FRAGO, 1998, p.139).

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do Ensino Médio, etapa I – **Caderno II: O jovem como sujeito do Ensino Médio** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- REVISTA ITS. Grupo RIC. Florianópolis, SC. Edição 112, set. 2014. P.22-23.
- VINÃO FRAGO, Antonio. ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. [Trad. Alfredo Veiga-Neto]. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. [Trad. Jean Melville]. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001. (Coleção a obra prima de cada autor).